



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

INCIDÊNCIA DA DEPRESSÃO NA PESSOA IDOSA EM CONDIÇÃO ASILAR NA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Cristiane Galvão Ribeiro (Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ)

cristianegr@ig.com.br

Regina Irene Diaz Formiga (Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ)

reginaformiga@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, no Brasil em 2010, 7,4% da população brasileira apresentava idade igual ou superior a 65 anos. Até 2025 o grupo de idosos no Brasil deverá ter aumentado em 15 vezes, enquanto a população total em cinco².

Em consequência, surgem novas preocupações em torno do envelhecimento populacional com o aumento das incapacidades, do uso dos serviços de saúde e maior carga de doenças nesta população³. Entre as principais doenças crônicas que afetam o idoso estão as doenças mentais, principalmente, a demência e a depressão, sendo esta última reconhecida como um problema de saúde pública na população idosa.

No idoso, a depressão geralmente ocorre após adquirir patologias como: câncer, parkison, demência, diabetes, juntamente como por perdas de pessoas queridas, morte dos amigos, familiares, cônjuge, fim de vida profissional, da fase reprodutiva, diminuição de renda e do poder econômico⁴. Em pacientes idosos, além dos sintomas comuns, a depressão costuma ser acompanhada por queixas somáticas, hipocondria, baixa auto-estima, sentimentos de

inutilidade, humor disfórico, tendência autodepreciativa, alteração do sono e do apetite, ideação paranóide e pensamento recorrente de suicídio⁵.

Na população geral, a depressão tem prevalência em torno de 15%, entre idosos vivendo na comunidade chega a 16% e até 31% se vivem em situações asilares⁶, demonstrando que a condição asilar pode agravar os aspectos psicossociais do idoso. Desta forma, este estudo objetiva avaliar o índice de depressão em idosos na condição asilar⁷.

MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa de campo, descritiva e de natureza quantitativa, realizada em 4 instituições asilares de João Pessoa, nas quais participaram 46 idosos, sendo 29 do sexo feminino com uma média de idade de 73,32 anos (DP=7,74). A coleta dos dados foi realizada por meio de 02 instrumentos: um questionário sócio-demográfico, contendo questões como sexo, idade e instituição, a Escala de Depressão Geriátrica em versão reduzida de Yesavage (GDS-15)⁸. A Escala de Depressão Geriátrica é amplamente utilizada e validada como instrumento diagnóstico de depressão em pacientes idosos. É um teste para detecção de sintomas depressivos no idoso, com 15 perguntas negativas/afirmativas onde o resultado de 5 ou mais pontos diagnóstica depressão. Os dados foram analisados por meio do pacote estatístico SPSS em sua versão 18.0, utilizando-se da estatística descritiva (frequência e percentual). A coleta de dados foi realizada nas instituições asilares, de forma individual, em local reservado, com todos os cuidados éticos para pesquisas envolvendo seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Segundo os resultados encontrados, 25 idosos, representando 54,35% do total estão acometidos por sintomatologia depressiva. Sendo que desses 25 que apresentam sintomas da depressão, 18 são do sexo feminino, ou seja, dos 54,35% dos idosos com depressão, 70% são do sexo feminino.

Com a mesma escala utilizada neste estudo, no Rio Grande do Sul, encontraram um índice de 46% de idosos depressivos internos em um hospital terciário⁹. O nordeste acompanha a mesma tendência, em pesquisa com idosos em uma instituição asilar no município de Jaboatão dos Guararapes em Pernambuco, encontraram 51% dos idosos com algum índice de depressão⁷.

No que tange a depressão e gênero, os resultados deste estudo apontaram a proporção de 2,5 mulheres depressivas para cada homem pesquisado. Apesar da amostra ser constituída na maioria por mulheres, em termos de proporção, encontrou-se que 62% das idosas se encontram depressivas, enquanto 41% dos idosos do sexo masculinos foram acometidos por esta patologia mental, apontando claramente a tendência da depressão ser para o sexo feminino.

No contexto mundial encontra-se geralmente uma proporção de duas mulheres para cada homem com sintomatologia depressiva, e é a partir da adolescência que se observa tal diferença¹⁰. Provavelmente a partir desta época, a mulher já se torna mais predisposta às influências e oscilações hormonais e, por outro lado, também já incorporaram e construíram internamente as diferenças culturais entre os sexos. Já no que se refere a depressão na velhice, esta tendência continua acompanhando a mulher idosa, também verificada através dos resultados deste estudo. Além das características que reforçam uma maior probabilidade de depressão na mulher em relação ao homem, a mulher idosa enfrenta os efeitos do climatério que

trazem consequências biopsicossociais e maior risco ao desenvolvimento da depressão¹¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram pesquisados 46 idosos em 4 instituições asilares na cidade de João Pessoa, e encontrou-se um alto índice de depressão, sendo as mulheres mais acometidas, acompanhando uma tendência mundial. Em suma, foi alarmante o índice de depressão encontrado, e faz-se importante destacar a ameaça ao bem estar destes idosos, na possibilidade destes estados depressivos serem confundidos com a própria condição da velhice, privando-os de um tratamento adequado, seja a nível psiquiátrico, psicológico e social. É de caráter essencial a construção de políticas públicas de promoção da qualidade de vida e bem estar dos idosos residentes nestas instituições, sendo uma ação de saúde pública e construção e manutenção da cidadania.

REFERÊNCIAS

1. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Sinopse do Censo Demográfico de 2010. Rio de Janeiro; 2011.
2. CHELONI CFP, FILHO MC, MEDEIROS AL, PINHEIRO FLS. Prevalência de depressão em idosos institucionalizados no município de Mossoró/RN segundo escala de depressão geriátrica (Yesavage). Expressão, Mossoró, 34(1-2); p.61-73; 2003.
3. VERAS R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. Rev Saúde Pública, 43(3):548-554; 2009.
4. STELLA F, GOBBI S, CORAZZA DI, COSTA JLR. Depressão no Idoso: Diagnóstico, Tratamento e Benefícios da Atividade Física. Motriz, Rio Claro, ,Ago/Dez, Vol.8 n.3, pp. 91-98; 2001.

5. PEARSON JL, BROWN GK. Suicide prevention in late life: directions of suicide for science and practice. *Clinical and Psychological Review*, v. 20 (6), p. 685-705; 2000.

6. COUTINHO MPL, GONTIÈS B, ARAÚJO LF, SÁ RCN. Depressão, um sofrimento sem fronteira: representações sociais entre crianças e idosos. *Psico-USF*. 8(2):183-192; 2003.

7. SIQUEIRA GR, VASCONCELOS DT, DUARTE GC, ARRUDA IC, COSTA JAS, CARDOSO RO. Análise da sintomatologia depressiva nos moradores do Abrigo Cristo Redentor através da aplicação da Escala de Depressão Geriátrica (EDG). *Ciência & Saúde Coletiva*, 14 (1):2, 53-259; 2009

8 YESAVAGE JA, BRINK TL, ROSE TL, LUM O, HUANG V, ADEY M, LEIRER VOL. Development and validation of a geriatric depression screening scale: a preliminary report. *J Psychiat Res*, 17(1):37-49; 1983.

9 FERRARI J, DALACORTE R. Uso Da Escala De Depressão Geriátrica De Yesavage Para Avaliar A Prevalência De Depressão em Idosos Hospitalizados. *Scientia Medica*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 3-8, jan./mar; 2007.

10 SILVERSTEIN B. Gender Differences in the Prevalence of Somatic Versus Pure Depression: A Replication. *Am J Psychiatry*. Jun; 159 (6): 1051-2; 2002.

11 NIEVAS AF, FUREGATO ARF, IANNETTA O, SANTOS, JLF. Depressão no Climatério: indicadores psicossociais. *Jornal Bras Psiquiatria*, 55(4): 274-279; 2006.